

PIO XI
JUNTOS SOMOS IMBATÍVEIS

ATIVIDADES DE SOCIOLOGIA
2º ANO

O QUE VIMOS

Nosso objeto de estudo, este ano, é o mundo material. Um tema bastante complicado porque nos coloca de frente com as contradições sociais. Quando falamos em contradições, a primeira coisa que salta aos olhos são as tensões causadas pelo desequilíbrio. Quanto maiores as contradições, maior será a tensão. É disso que a sociologia se ocupa.

Então devemos falar sobre trabalho, afinal de contas, dele depende toda a produção material que alimenta o mundo moderno, ou seja, o nosso mundo.

Sobre trabalho, falamos sobre os contextos históricos, desde a Grécia antiga, passando por Roma, feudalismo europeu, até chegarmos à realidade capitalista. Não esqueçam de dar uma repassada nos slides “O Mundo Material”.

Demos continuidade aos nossos estudos, falando sobre “O Valor do Trabalho”. Aqui, com uma pequena pausa no livro didático, conhecemos um pouco sobre três pensadores fundamentais para o entendimento da sociedade e suas relações com as ciências econômicas.

São eles:

Adam Smith (1723-1790)

"O que vai gerar a riqueza das nações é o fato de cada indivíduo procurar o seu desenvolvimento e crescimento econômico pessoal"

David Ricardo (1772-1823)

“O trabalho, como todas as outras coisas que são compradas e vendidas e cuja quantidade pode ser aumentada ou diminuída, tem seu preço natural e seu preço de mercado.

O preço natural do trabalho é aquele necessário para permitir que os trabalhadores, em geral, subsistam e perpetuem sua descendência, sem aumento ou diminuição.”

Stuart Mill (1806-1873)

Se toda a humanidade menos um fosse da mesma opinião, e apenas um indivíduo fosse de opinião contrária, a humanidade não teria maior direito de silenciar essa pessoa do que esta o teria, se pudesse, de silenciar a humanidade.”

O QUE FAZER

Dica de filmes:

- À procura da felicidade
- 12 anos de escravidão
- Crianças invisíveis (documentário)

PARA EXERCITAR

1. (Uece 2010) Leia com atenção o texto a seguir. “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. MARX, Karl. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. São Paulo: Centauro, 2006.

Baseado no texto, assinale a afirmação verdadeira.

- a) A história não é construída pelos homens porque ela é predefinida pelo destino.
- b) A história permite perceber que a realidade depende unicamente das escolhas dos homens.
- c) A história é feita pelos homens dentro de condicionamentos herdados do passado.
- d) A história não é feita pelo passado, e sim pelas circunstâncias das escolhas.

2. (UFRS) Na sua obra clássica, publicada em 1776, “*A riqueza das Nações*”, o escocês Adam Smith descrevia o funcionamento de uma forma de produção de alfinetes:

“um puxa o arame, o outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto o afia, um quinto o esmerilha na outra extremidade para a colocação da cabeça; para se fabricar a cabeça são necessárias duas ou três operações distintas; a colocação da cabeça é muito interessante, e o polimento final dos alfinetes também; até a sua colocação no papel constitui, em si mesma, uma atividade...”

Smith dizia que 10 homens, dividindo o trabalho, produziam ao fim de um dia 48 mil alfinetes. Se a produção fosse artesanal, um homem produziria apenas 20 alfinetes por dia e os 10 homens juntos somente 200 alfinetes.

Com base nas afirmações acima, assinale a alternativa que responde corretamente às questões a seguir.

Que forma histórica do trabalho está sendo descrita por Adam Smith? Quais as principais consequências econômicas dessa nova forma de produção, defendida por Smith como real avanço para a sociedade?

- a) A divisão manufatureira do trabalho – o aumento da produção e a liberdade do comércio.
- b) A produção artesanal – a industrialização e a liberdade de comércio.
- c) A divisão manufatureira do trabalho – o aumento da produção e o monopólio do comércio.
- d) A produção artesanal – o aumento da produção e a liberdade de comércio.
- e) A cooperação fabril – a industrialização e o monopólio do comércio.

3. (UERJ) Livre-se desta indiferença estúpida, sonolenta e preguiçosa [...]. Em que caminho da vida pode estar um homem que não se sinta estimulado ao ver a máquina a vapor de Watt?

YOUNG, Arthur. *Viagens na Inglaterra e no País de Gales*. Apud Hobsbawm, Eric J. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Apesar do otimismo do autor do texto acima, o processo da Revolução Industrial, que se iniciou por volta da década de 1760, na Inglaterra, promoveu uma série de transformações na sociedade inglesa, tais como:

- a) mudança no significado da palavra trabalho, passando a expressar dor e desprestígio social.
- b) ampliação da divisão do trabalho, buscando maior produtividade e controle sobre os operários.
- c) declínio das atividades agrícolas, provocando arrendamento das propriedades rurais e desvalorização da terra.
- d) aumento das exigências tecnológicas, levando à capitalização industrial e ao abandono das técnicas artesanais.

4. (Fuvest) “Um comerciante está acostumado a empregar o seu dinheiro principalmente em projetos lucrativos, ao passo que um simples cavalheiro rural costuma empregar o seu em despesas. Um frequentemente vê seu dinheiro afastar-se e voltar às suas mãos com lucro; o outro, quando se separa do dinheiro, raramente espera vê-lo de novo. Esses hábitos diferentes afetam naturalmente os

seus temperamentos e disposições em toda espécie de atividade. O comerciante é, em geral, um empreendedor audacioso; o cavalheiro rural, um tímido em seus empreendimentos...” (Adam Smith, A RIQUEZA DAS NAÇÕES, Livro III, capítulo 4)

Neste pequeno trecho, Adam Smith:

- a) contrapõe lucro à renda, pois geram racionalidades e modos de vida distintos.
- b) mostra as vantagens do capitalismo comercial em face da estagnação medieval.
- c) defende a lucratividade do comércio contra os baixos rendimentos do campo.
- d) critica a preocupação dos comerciantes com seus lucros e dos cavalheiros com a ostentação de riquezas.
- e) expõe as causas da estagnação da agricultura no final do século XVIII.

5. Em seu primeiro trabalho *The High Price of Bullion, a Proof of the Depreciation of Bank Notes* (1810), David Ricardo, pregava a limitação na emissão de moeda como medida preventiva para o combate à inflação. Sua teoria foi aceita por um comitê indicado pela Câmara dos Comuns, o que lhe deu grande prestígio. Aposentado de suas atividades profissionais (1814), refugiou-se em suas propriedades rurais em Gloucestershire e, ali, escreveu e publicou sua obra capital, *Principles of Political Economy and Taxation* (1817), onde expôs suas principais idéias econômicas, até certo ponto polêmicas, pois politicamente, elas favoreciam a burguesia industrial contra a classe ruralista.

Para David Ricardo

- a) a riqueza é composta, principalmente de bens imóveis, sobretudo terras.
- b) a riqueza é composta pelo capital financeiro acumulado por um indivíduo.
- c) a riqueza é composta pelas experiências de vida de cada um.
- d) a riqueza é composta de bens que são necessários, úteis e agradáveis.
- e) a riqueza é composta pelas gerações de famílias ao longo do tempo.

6. O objeto deste ensaio é defender [que] o único propósito com o qual se legitima o exercício do poder sobre algum membro de uma comunidade civilizada contra a sua vontade é impedir dano a outrem. (MILL, J. S. *Sobre a liberdade* [1859]. Petrópolis: Vozes, 1991.

O trecho expressa:

- a) o argumento jusnaturalista, encontrado também em autores como T. Hobbes, para a criação do contrato social que fundaria as bases de um Estado soberano.
- b) a visão fascista, na qual o Estado surge como a solução para os conflitos e problemas existentes no interior da sociedade civil.

- c) análise influenciada por Marx e Engels, na medida em que se baseia nas classes sociais para identificar o raio de ação dos indivíduos na sociedade.
- d) o ideário positivista do século XIX, no qual há uma forte crítica à visão utilitarista da moral e da vida em sociedade.
- e) uma preocupação característica do liberalismo do século XIX, que buscava pensar os limites da ação do Estado em relação à vida particular dos indivíduos.